Sob um olhar

Larissa Marques

Fazer poesia com as pedras do caminho, colher, recolher as pétalas das pedras, despedaçar, despetalar a pedra-flor. Viver as ilusões mais doces enquanto o chá esfria e a vida aquece, ir do tédio ao tesão como quem faz uma prece, como quem despe o pecado na via pública, quem faz da rotina um show à retina distraída que atravessa a rua como se na própria sala, gritar o verbo consentido, como quem cala. Fazer poesia? Ou captá-la, pronta, feita, rara, rarefeita? Fazer poesia como quem vai à feira, seja segunda ou sexta, seja chuva, ou faça sol, fazer poesia.

Sentir poesia. Agarrar a pedra de salvação, ser como o náufrago que no desespero sabe que como a vida, a

febre continua. Sentir poesia, perfumar a casa à espera do verbo, ele que chega ao meio da noite ressonando idílios falsos, com cara de quem viaja em outras sertanias. O verbo mente, o verbo nega o que sente. Mas, para ser poesia, faz-se necessário colher as pedras, e com elas refazer, reconstruir-se à moda antiga, buscar no vale das mais intimas loucuras a cura, o verso perfeito, e com isso fazer o seu lar.
Poesia é isso, é lar isso, é Larissa!

Falou o poeta Múcio Góes, à beira do inverno em Recife.
2011/junho.

Dedicado ao nu, que mostra sua alma sem pudor.

nu

quem há de olhar o homem
assim, nu meio sem alma
meio sem olho frígido
entregue e hostil a si mesmo?

quem há de servir o servo de si
que não se ilude mais em auras
de coros perenes
e quereres fecundos?

quem há de sentir o homem
que se entrega sem acreditar
e beija o colo e as vísceras
para depois abandonar?

quem há de olhar o homem
assim pálido e desaguado
duro e rígido feito pedra
e se dar sem chorar?

sobre chá e colheres

deslumbrado com a passividade
com gravidade do aroma
com a pureza da água
na febre de folhas e flores mortas

o chá esfria

desinteressado do universo
ou do verso paralelo
não cabe nos dias
ou tão pouco se ilude em horas

o chá esfria

diluído em xícara
surrado por colheres
da direita para esquerda
decanta visceral

são cinco horas
e está tudo bem.

no quinto sonho
as janelas estavam fechadas
e o chá era servido frio
não gelado
calados e sem juras
não se olhavam
o sentido era verde
como o sachê
dentro de suas xícaras

a chama da aparição
ainda queimava
e a pele rubra
lambia-me

ventre e existência
em farrapos

a fumaça atravessava-me
feito besta-fera
galopava em olhos
vidrados que refletiam
a carga do fenecer e vagar

na leveza da dor flutuava
pálpebra, olho e caos.